

# O Príncipezinho

*para gente pequena e grande*

Redescoberto por

**Anselm Grün**



## Prefácio

Nenhum livro como *O Príncipezinho*, do autor e piloto francês Antoine de Saint-Exupéry, é lido não só por crianças mas também por adultos. Tanto em conversas como em conferências, ouvimos continuamente citações como «só vemos bem com o coração». Este modo de ver com o coração fascina os homens tanto hoje como no tempo em que o livro apareceu pela primeira vez. Hoje raramente vemos com o coração. Olhamos para as coisas como quem tudo avalia, tudo calcula. Quando vemos uma casa, uma mesa, um armário, perguntamos: quanto vale? O que traz? Que posso fazer com isso? Para que serve? Este modo de ver as coisas torna o nosso mundo frio. Trememos de frio se nos preocuparmos por ver apenas o lado lucrativo das coisas. Por isso faz-nos bem o modo de ver do Príncipezinho, que olha para tudo com olhos de criança, que põe tudo em questão e para o qual só interessa observar as coisas com o coração.

Hoje tudo tem de ser razoável e ser testado pela sua força. Não nos podemos permitir nenhuma fraqueza. Caso contrário, devemos temer pelo nosso trabalho, mas também pelo respeito das pessoas com quem vivemos. Portanto, faz-nos bem quando o Príncipezinho nos transporta para um outro mundo – o mundo das crianças. Cada um de nós tem em si uma criança. Jesus diz: «Se não vos arrependerdes e não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino do Céu.» (Mt 18,3) Ele não nos pede para nos tornarmos infantis, mas para olharmos para o mundo com os olhos de uma criança. Só assim conseguimos entrar no que Jesus chama «Reino do Céu». Então descobrimos o Céu no meio da nossa Terra, tudo começa a brilhar ao mesmo tempo e a falar-nos do Céu.

Muitas vezes as crianças são como sábios filósofos que nos põem questões às quais nós, adultos, quase nem somos capazes de responder. Com as suas perguntas, obrigam-nos a escutar mais profundamente o nosso interior, como que a escavar mais fundo, ir às raízes, para que o campo da nossa alma dê frutos que realmente nos alimentem. As palavras do Príncipezinho alimentam-nos. Mostram-nos o modo mais humano e autêntico como havemos de viver.



Quem lê o livro do Príncipezinho entra em contacto com o seu anseio por outro mundo, um mundo em que não somos avaliados a partir do que conseguimos fazer, mas no qual, pelo contrário, se trata de amizade e de amor e no qual nos preocupamos por aquilo que verdadeiramente dá valor à nossa vida. Ao lermos o livro mergulhamos neste outro mundo que se abre para o Céu e para o seu esplendor. Fazemos a experiência de vivermos de um modo novo. O livro não pretende ser moralista, nem não nos quer dizer o que devemos fazer, mas apenas mostrar-nos quem nós somos. Do ser surge o dever. Se sentirmos quem realmente somos, o que verdadeiramente nos realiza como pessoas, então certamente havemos de nos comportar bem. Então olharemos para as pessoas com o coração, consideraremos a amizade como um bem precioso. Havemos de nos sentir responsáveis pelas pessoas com as quais estamos familiarizados e seremos capazes de dar espaço à humanidade que está em nós e ao ambiente que nos rodeia.

Caros leitores, desejo que, ao lerdes a história do Príncipezinho, entreis em contacto com a criança em vós. E se a lerdes com os vossos filhos e em família, talvez ficareis admirados como os “pequenos” entendem facilmente as perguntas e as preocupações do Príncipezinho. Porque eles têm com essa criança uma conexão muito maior do que nós, “gente grande”.

Os pensamentos que escrevi sobre cada capítulo não devem determinar o modo como haveis de ler o livro. Eles só querem ajudar-vos a que vos reconheceis nas imagens deste livro, com a riqueza da vossa alma. Esta riqueza já se encontra em vós. Mas às vezes precisamos de palavras para entrarmos em contacto com ela. A riqueza da alma é ao mesmo tempo também a sua sabedoria. Desejo que as palavras deste livro vos permitam reconhecer a sabedoria da vossa alma, para que confiem nela e a sigam.

Vosso  
*Padre Anselm Grün*



# Porque é que são importantes as orelhas no deserto?

Há seis anos tive uma avaria no meu avião em pleno deserto do Sara. O motor tinha qualquer coisa partida. E como não levava nem mecânico nem outro passageiro, preparei-me para tentar esta difícil reparação. Para mim era uma questão de vida ou de morte: o meu reservatório de água dava apenas para cerca de oito dias.

Na primeira noite adormeci na areia, a milhares de quilómetros afastado de qualquer lugar habitado. Estava tão só como um naufrago numa jangada no oceano. Podeis então imaginar a minha surpresa quando, de manhã, fui acordado por uma voz muito suave, que dizia:

«Por favor... desenha-me uma ovelha!»

«O quê?»

«Desenha-me uma ovelha.»

Levantei-me de um salto, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Olhei e deparei-me com um menino extraordinariamente pequeno, que me observava atentamente.

Tendes aqui o melhor retrato que mais tarde desenhei dele. Mas o meu desenho está longe de ser tão encantador como o modelo. Não é culpa minha. Quando tinha seis anos, fui levado pelas pessoas grandes a desistir da minha carreira de artista, e nunca mais desenhei, exceto jiboias fechadas e jiboias abertas.



Contemplei esta aparição com os meus olhos cheios de espanto. Não deveis esquecer que me encontrava a milhares de quilómetros de distância de qualquer sítio habitado. Mas o meu rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem com fome, nem com sede, nem a morrer de medo. Não apresentava sinais de ser uma criança perdida no meio do deserto, a milhares de quilómetros de um lugar habitado.

Quando pude falar, disse:

«Mas... o que fazes aqui?»

E ele repetiu num modo muito suave, como se se tratasse de uma coisa muito séria:

«Por favor... desenha-me uma ovelha!»

Quando uma coisa é demasiado enigmática, não nos atrevemos a contradizer. Por muito absurdo que aquilo me parecesse, a milhares de quilómetros afastado de um lugar habitado e em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas então lembrei-me de que tinha estudado geografia, história, matemática e gramática e disse ao rapazinho (com certo mau humor) que não sabia desenhar. Ele respondeu-me:

«Não faz mal. Desenha-me uma ovelha.»

Embora nunca tivesse desenhado uma ovelha, fiz-lhe um dos dois únicos desenhos que sabia: o da jiboia fechada. E fiquei muito admirado quando ouvi o rapazinho dizer:

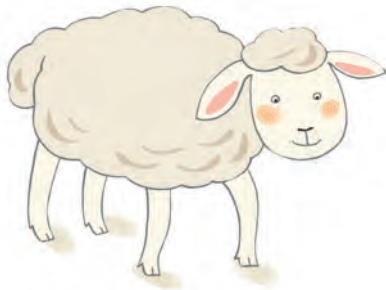
«Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa e um elefante muito grande. Lá onde moro é tudo muito pequeno. Preciso de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.»

Então desenhei. Ele olhou para o meu desenho com muita atenção e depois disse:

«Não! Esta já está muito doente. Desenha-me outra.»

Desenhei. O meu pequeno amigo sorriu gentilmente e disse, indulgente:

«Podes ver por ti mesmo: isso não é uma ovelha. É um carneiro. Tem cornos.»





Tentei outra vez. Mas tal como o primeiro, rejeitou também este:

«Esta é muito velha. Quero uma ovelha que viva muito tempo.»

Fiquei impaciente, porque tinha pressa em reparar o motor, e então rabisquei este desenho. E disse:

«Isto é uma caixa. Está lá dentro a ovelha que tu queres.»

E a minha admiração foi grande quando vi o rosto do meu jovem crítico de arte iluminar-se e dizer:

«Era mesmo isto que eu queria! Achas que esta ovelha precisa de muita erva?»

«Porquê?»

«Porque onde eu vivo é tudo muito pequenino...»

«Mas chega, com certeza. Desenhei-te uma ovelha muito pequena.»

Ele inclinou a cabeça e observou o desenho:

«Também não é assim tão pequena. Olha! Ador-meceu...»

E foi assim que travei conhecimento com o Príncipezinho.

